

A FILOSOFIA E O FILOSOFAR FRANCÊS NO SÉCULO XVIII

Antônio Carlos dos Santos*

RESUMO

Este texto pretende discutir o estatuto do filosofar francês no século XVIII. Mostrando o caráter anti-sistemático do pensamento produzido neste século, serão analisados alguns aspectos importantes da chamada Filosofia da Ilustração, particularmente a idéia do filósofo como aquele que, além de produzir idéias, se obriga a fazer delas um instrumento de combate para a transformação da realidade.

Palavras-chave: Filosofia, Ilustração, Metafísica, Século XVIII, Libertinagem.

ABSTRACT

This article intends to discuss the statute of French way of philosophizing in the XVIII century, showing that the thought in this century is not systematic. It is going to be analyzed some important aspects of the so-called Philosophy of Enlightenment, considering especially the idea of the philosopher as somebody who besides thinking, assumes an obligation of uses this thinking as an instrument of fight to transform reality.

Key words: Philosophy, Enlightenment, Metaphysics, XVIII century, Licentiousness

“É uma felicidade ter por profissão sua paixão!”

Stendhal

Na carta XI, das *Cartas persas*, obra de Montesquieu, Usbek, ao encontrar-se em Paris, escreve para seu amigo que ficou na Pérsia, explica-lhe a importância da palavra virtude para a existência humana. Assim diz o missivista:

Renuncias à tua razão, meu caro Mirza! [...] Para cumprir o que me solicitas, não considereis que devas recorrer aos arrazoados mais abstratos: com certas verdades, não basta persuadir: é preciso, além disso, fazer sentir. São dessa espécie as verdades morais. Talvez essa passagem de história [dos trogloditas] te afete mais do que uma filosofia sutil (MONTESQUIEU, 1991, p.29).

*Professor de Filosofia da Universidade Federal de Sergipe. E-mail: acsantos12@uol.com.br

Nessa passagem, dois aspectos são notáveis: a renúncia à razão, isso, sobretudo, no século que é considerado como o das Luzes, e a expressão “filosofia sutil”. Porém, Montesquieu não é o único em seu século a aparecer paradoxal. No início de *O sobrinho de Rameau*, de Diderot, lê-se:

Faça bom ou mau tempo, tenho o hábito de ir passear no Palais Royal, às cinco horas da tarde. Sempre solitário, sou visto sonhando no banco de Argenson. Entretenho-me comigo mesmo divagando sobre política, amor, gosto ou filosofia. Abandono meu espírito a mais completa libertinagem. Deixo-o senhor de seguir a primeira idéia, sábia ou louca, que se apresenta como, nas alamedas de Foy, nossos jovens dissolutos seguem uma cortesã de ar estouvado, fisionomia risonha, olho vivo, nariz arrebitado, deixando esta por outra, assediando todas e não se prendendo a nenhuma. Meus pensamentos são minhas rameiras (DIDEROT, 1979, p.41).

Ao ler esse romance, mais particularmente seu início, nosso estranhamento é evidente: Diderot chama a atenção do leitor para a relação entre a Filosofia e as prostitutas. Nesse sentido, vale lembrar, aqui, outra forte expressão do século XVIII, o Marques de Sade. Em sua “Filosofia da alcova”, a certa altura de “Saint-Ange”, uma das personagens, referindo-se às prostitutas, diz: “Eis as mulheres verdadeiramente amáveis, as únicas filósofas de verdade!” (SADE, 1990, p.37).

Ainda na atmosfera do século das Luzes, Voltaire, no verbete “filósofo”, critica intensamente o confessor de Luís XIV, Le Tellier, que era um dos grandes perseguidores de certo filósofo. Ele afirma: “Há dois covis no mundo em que não é possível fazer frente à sedução e à calúnia: a cama e o confessionário” (VOLTAIRE, 1978, p.190).

Ora, o leitor contemporâneo, certamente, faz-se estas perguntas: Onde estaria a Filosofia, numa obra em que o autor pede para afastar-se da razão? Onde há o filosofar, num texto em que o autor compara a Filosofia e suas melhores destinatárias às rameiras? Qual a relação entre Filosofia e essa visão libertária da vida e da própria Filosofia? Enfim, o que é Filosofia no século XVIII, na França, particularmente? O que se entende por filósofo nesse período? Essas são algumas das questões que pretendemos responder aqui, neste artigo.

Desde já, é importante ter a clareza de que o termo “filósofo”, na França do século XVIII, não tinha a menor relação com o sentido que hoje lhe é atribuído. Como diz Bento Prado Júnior, “les ‘philosophes’ estavam longe de ser professores universitários e a ‘Philosophie’ nada tinha de uma disciplina técnica”(PRADO

JÚNIOR, 2001, p.10). O universo filosófico, naquela época, estava ligado a tudo que dizia respeito à subversão, à transgressão, à libertinagem, à irreligião, à sedição, à sedução, à obscenidade, ao sexo. É esse aspecto que o historiador Darnton considera, quando afirma:

Por volta de 1750, o libertinismo dizia respeito tanto ao corpo quanto ao espírito, à pornografia e à Filosofia. Os leitores sabiam reconhecer um livro de sexo quando viam um, mas esperavam que o sexo servisse como veículo para ataques à Igreja, à coroa, e a toda espécie de abuso social (DARNTON, 1996, p.25).

Sobre essa questão, o historiador é bastante enfático: graças à radicalização do pensar e do agir sobre o corpo, que foi possível, já no final do século XVII, a preparação para o Iluminismo em sua forma mais radical. Continua Darnton, referindo-se a “Thérèse philosophe”, um romance anônimo, atribuído ao Marquês Boyer d'Argens, que demonstra esse processo de liberação mental e corporal:

O episódio dá a Thérèse uma lição sobre os perigos do clero; é o primeiro passo de sua educação. Tendo aprendido como se livrar da autoridade da Igreja, ela segue o princípio do prazer através da física, da metafísica e da ética, até o final feliz na cama de um conde filosófico. Por mais estranho que possa parecer ao leitor moderno, sexo e filosofia caminham lado a lado por todo o romance. As personagens masturbam-se, copulam, e então discutem ontologia e moral enquanto restauram as forças para a próxima rodada de prazer. Essa estratégia narrativa fazia perfeitamente sentido em 1748 ao mostrar como o conhecimento carnal podia abrir o caminho para o Iluminismo – o Iluminismo radical de La Mettrie, Hélivétius, Diderot e D'Holbach (DARNTON, 1996, p.25).

O leitor contemporâneo pode estar se perguntando em que estaria, aí, a tal Filosofia que se aprende desde o curso de Introdução à Filosofia, na universidade. Talvez se questionando sobre esse modo de filosofar tão distinto do nosso, que é acadêmico, professoral, técnico, iniciado no século XIX. Para melhor entender essa questão, é necessário recuar no tempo, retornando, precisamente, no dizer de Voltaire, ao “grande século”, o XVII.

Numa passagem rápida por títulos clássicos, de alguns autores do século XVII, dentre outros, temos: *Tratado do intelecto* e *Tratado político*, ambos de Espinosa; *Tratado das paixões*, de Descartes; *Segundo tratado sobre o governo civil*, de Locke. O gênero do texto, o tratado, denotava o desenvolvimento e a defesa de uma idéia, segundo os rígidos padrões da Ciência, então nascente. Possibilitar rigor e consistência ao pensamento, naquele século, significava escrever na forma de um tratado, de modo

metódico e absolutamente racional, reduzindo-se o conteúdo, digamos assim, à Metafísica.

Nesse sentido, vale lembrar as palavras de Lebrun, ao referir-se à maneira de fazer Filosofia no século XVII, cuja finalidade era encontrar e demonstrar a verdade sob a forma dos tratados, o que deu lugar, no século seguinte, a personagens imaginários ou absurdos, de toda natureza, causando grandes estranhamentos ao leitor da época:

“[A dúvida cartesiana] afastava provisoriamente o mundo para reencontrá-lo no brilho de uma verdade assegurada; no imaginário do século XVIII, ao contrário, o “mundo” – em todos os sentidos da palavra – parece dissolver-se definitivamente, e nossas certezas escurecem-se para sempre. Mas o gênio maligno cartesiano foi logo exorcizado; no século seguinte, seus sucessores – iroqueses, persas, anões, gigantes, mágicos, diabos – serão mais difíceis de conjurar e irão instalar-nos ironicamente numa não-verdade (LEBRUN, 2006, p.54).

Em outras palavras, o que Lebrun diz, talvez seguindo os mesmos passos de Cassirer, é que a Ilustração abandona a forma de filosofar cartesiana, mas não o próprio Descartes, e abraça o Empirismo inglês, cujo método investigativo não é mais a dedução, mas a análise, e, por isso, possibilita à Filosofia da época mais maleabilidade e concretude, confere vivacidade tanto à idéia de verdade quanto à noção de Filosofia¹. Assim, absorvendo a experiência do século anterior e recebendo forte influência dos ingleses, principalmente de Newton e Locke, a Ilustração desenvolve novos argumentos a partir de um horizonte filosófico bem diferente do adotado no século XVII. Neste sentido, diz Cassirer:

Na verdade, o que aí temos não é outra coisa senão uma visão nova e um novo destino do movimento universal do pensamento filosófico. Na Inglaterra e na França, o Iluminismo começa por quebrar o molde obsoleto do conhecimento filosófico, a forma do sistema metafísico (CASSIRER, 1997, p.10).

Isso não significa que, abandonando-se a forma do sistema metafísico, o trabalho propriamente filosófico deixe de ser sistemático. Muda-se, então, a forma de se filosofar. É importante enfatizar, em suma, que, ao abandonar o “esprit de systeme”, como afirma Cassirer, a Ilustração “[...] não abandona o ‘esprit systematique’ ao qual pretende, pelo contrário, incutir mais valor e eficácia” (CASSIRER, 1997, p.10). O termo “sistema”, é necessário ressaltar, designa um conjunto de pensamentos, teses ou doutrinas, científicas ou filosóficas, desenvolvidos articuladamente, interligados entre

¹ Sobre a crítica à Metafísica, principalmente em Voltaire, ver a dissertação de Vladimir Oliva Mota, **Voltaire e a crítica à Metafísica**, defendida na USP, em 2005.

si, que, ao remeterem-se um ao outro, se unificam como um todo. Já o conceito “sistemático” relaciona-se a sistema, o que se caracteriza pela organização e pela articulação, constituindo um todo coerente, de acordo com certos princípios básicos (MARCONDES e JAPIASSU, 1991, p.226).

É nessa mesma perspectiva que Paul Hazard enfatiza que, enquanto no século anterior ao das Luzes partia de princípios apriorísticos e sem se dar conta disso, a razão do século XVIII debruça-se sobre o real e faz dele seu objeto de análise (HAZARD, 1989, p.36). Ora, ao conjugar a forma do tratado com a busca pela verdade mesma, o escritor do século XVIII vai trabalhar com a idéia de não-verdade, de ilusão de ótica, de perspectiva, não porque não queira lidar com a verdade, mas porque encontrou uma outra forma de buscá-la, de expressá-la, de vivê-la. Assim, diz Diderot em “O sobrinho de Rameau”:

Durante muito tempo houve o título de bobo do rei. Que eu saiba, nunca houve o de sábio do rei. Sou o bobo de Bertim e de muitos outros, o vosso talvez, neste momento. Ou quem sabe se vós sois o meu? Aquele que fosse sábio não teria um bobo; portanto, quem tem um bobo não é sábio (DIDEROT, 1979, p.63).

Nesse argumento, presente também nas *Cartas persas* de Montesquieu, o que está em jogo é a explicitação do confronto entre quem vê o quê a partir da visão de quem. Aqui, a certeza é posta em dúvida e acaba fazendo com que aquele que se assenta sobre o ponto de vista universal dê conta da fragilidade de seu terreno, da precariedade do mundo a sua volta. Nesse aspecto, o século XVIII desconcerta o leitor dos grandes tratados metafísicos construídos ao longo do século XVII, tanto pela forma quanto pelo conteúdo.

O que a Ilustração faz é recusar-se a limitar-se segundo parâmetros definitivos, segundo axiomas pré-estabelecidos, buscando, cada vez mais, na imanência do mundo, condições para atuar, como movimento filosófico, no aperfeiçoamento moral dos homens. Ao sair das amarras da Metafísica, o homem da Ilustração encontra-se em liberdade para fazer bom uso da razão e seu poder de forma útil e saudável, visando o progresso da humanidade. A síntese máxima dessa tarefa é a *Enciclopédia*. Foi publicada entre os anos de 1751 e 1780, constituída de 16 volumes com textos e 11 de gravuras. No entender de Piva...

Trata-se do maior e mais audacioso empreendimento intelectual do século XVIII, cuja finalidade essencial era tornar acessíveis a um público irrestrito os conhecimentos técnicos obtidos até então, a fim de pulverizar a superstição, o fanatismo e a opressão política sustentados pela Igreja e pela nobreza do antigo regime. Diderot foi seu arquiteto e principal editor por mais de vinte anos (PIVA, 2003, p.19).

Desenvolvendo projetos de envergadura, a exemplo da *Enciclopédia*, os pensadores da ilustração também recorreram, para a divulgação do saber e da Filosofia, aos romances, à dramaturgia, aos discursos e opúsculos dos mais variados tipos, atuando em seu tempo de maneira bastante enfática e incisiva. Essa multiplicidade de gêneros demonstra a fronteira pouco rigorosa entre o universo filosófico e o da literatura, o que revela, a propósito, um novo conceito de “philosophe”.

Todavia, o que significa ser filósofo no século XVIII, na França?

Arthur Wilson, importante biógrafo de Diderot, afirma que essa indagação é bastante complexa, porque o conceito de filósofo, no século das Luzes, se modificou enormemente e em curto espaço de tempo. Até então, afirma ele, o filósofo tinha uma conotação fortemente pejorativa: era um insulto, uma censura. Designava, a rigor, um ermitão ou misantropo, pois filósofo era todo aquele que optava por uma vida simples, solitária e isolada das solitudes da vida social. Logo, o sentido do termo filósofo, graças à atuação dos enciclopedistas, ampliou-se. Passou a significar teólogos, metafísicos, sábios, botânicos, dramaturgos, médicos, homens de letras, de um modo geral (SALINAS FORTES, 1991, p.12).

Porém, no verbete “filósofo”, da *Enciclopédia*, é criticada a forma vaga e indiscriminada com que o termo é utilizado, pois todo o mundo poderia ser considerado um filósofo. Ressalta o verbete que há duas situações em que o uso do termo é inapropriado: a primeira é aquela em que a pessoa basta ter a aparência de sábio, nos gestos e no pensar, mesmo sem muitas leituras; a segunda, quando os indivíduos fazem uso da sua liberdade de pensar para dismantelar os dogmas da religião, do preconceito e do poder, desprezando os outros por julgá-los fracos, servis e incapazes de libertar-se e, por isso mesmo, isolavam-se em herméticas confrarias.

Ora, nenhum desses dois sentidos traduz o conceito de “philosophe” propriamente dito. Por isso, o autor do verbete argumenta, num segundo momento, apontando para a idéia de que o filósofo é o estudioso voltado ao esclarecimento, ao conhecimento de todos os fenômenos naturais e humanos, causa da necessidade de fazer

um uso intenso da razão para dominar suas paixões. Assim, afirma o autor do verbete: “A graça determina o cristão a agir, a razão determina o filósofo”.

Piva, nos mesmos passos do enciclopedista, distingue os filósofos dos não-filósofos. Diz ele: “Os não-filósofos caminham nas trevas, uma vez que os seus princípios carecem de estudo e as suas ações são irrefletidas, conduzidas pelo ímpeto de suas paixões amorosas, religiosas e políticas”. O filósofo, ao contrário, embora também caminhe na noite das paixões e dos desejos, tem seus princípios e seus passos guiados pela claridade de um archote, isto é, norteados pela razão. Isso significa que o arquétipo do filósofo da Ilustração consiste naquele indivíduo que tem pleno domínio de si e que faz da razão seu instrumento privilegiado de produção do conhecimento e de orientação no mundo. Nas palavras do próprio autor, o filósofo “é um relógio que dá corda, por assim dizer, em certas ocasiões, em si mesmo” (PIVA, 2003, p.12).

Vê-se, portanto, que há, no próprio verbete, uma mudança de perspectiva sobre o que qualifica o filósofo: de ermitão ou isolado em herméticas confrarias, ele passa a ser aquele que usa bem a razão e é útil à sociedade. Aliás, sobre a nova concepção de filósofo, Roland Desné declara: “Duas palavras situam convenientemente o século XVIII na história da cultura: esse século foi o dos ‘filósofos’ e o das ‘Luzes’. Ele já o era para os contemporâneos. ‘Filósofo’ indica uma atitude; ‘luzes’, um conteúdo de idéias” (DESNÉ, 1982, p.71). As palavras de Desné são bastante ilustrativas, porque ele condensa duas fortes expressões que traduzem o espírito da Ilustração: “atitude filosófica” e “conteúdo de idéias”.

A partir de então, o filósofo passa ser aquele que não só pensa, mas, sobretudo, aquele que age, sendo sua ação motivada por uma teoria que, a seu ver, é libertadora; ele se engaja num projeto coletivo, que se preocupa com os destinos da humanidade inteira. Como diz Mortier:

Seu instrumento de investigação e de persuasão é a razão, reta e universal, que ele aplica a todas as formas de saber, tanto às ciências da natureza quanto às do homem. Ele luta contra a tendência profundamente humana ao maravilhamento e ao erro e contribui, assim, para responder às verdadeiras luzes, suscitando o espírito de exame. [...] Ele se vê como um guia, um inspirador, um moderador, encarregado de reformular o mundo e a sociedade, de liberar o homem da miséria e do medo. É também um escritor, cujo verbo servirá para espalhar seu pensamento e combater todas as formas de ortodoxia intelectual e arbítrio político. A esta definição de filósofo com espírito anti-sistemático e pensador engajado, não faltará audácia nem brilho (MORTIER, 1994).

Como se vê, o filósofo passa a ser entendido não apenas como aquele que faz bom uso da razão, tampouco de seu caráter reflexivo, mas, agora, como aquele que pode inspirar os outros, que pode ajudar a reformulação das leis e do mundo. É, enfim, aquele que se preocupa com todos, independentemente de seu país ou cultura, pois o que entra em jogo é o interesse da humanidade. O filósofo deixa seu recinto, sua torre de marfim, seu lócus individual e privilegiado, para encontrar espaço na praça, nos cafés, nos salões, nos espaços urbanos, sempre provocando o leitor comum, o poder estabelecido, as instituições religiosas. Tudo passará sob o crivo da razão e da crítica em espaços públicos.

Por isso, em 1753, em “Da interpretação da natureza”, Diderot afirma, de maneira bastante enfática:

Apressemos-nos para tornar a filosofia popular. Se quisermos que os filósofos caminhem para frente, aproximemos o povo do ponto em que estão os filósofos. Acaso dirão que há obras que nunca se colocarão ao alcance comum dos espíritos? Se o disserem, mostrarão apenas que ignoram o que pode um bom método e um longo hábito (DIDEROT, 1990, p.216).

Essa convocação de Diderot tem dupla finalidade: a de tornar a Filosofia acessível à população e, ao mesmo tempo, instruí-la por meio de expressões culturais variadas, simples e estimulantes, como as crônicas, os contos, os romances, os verbetes e as peças teatrais, para difundir suas idéias, pois, em sua época, a população era considerada ignorante, supersticiosa, sendo parte dela analfabeta, como ressalta Piva. Trata-se, aqui, de uma forma original de vulgarização da Filosofia para fins ideológicos e políticos, em que há a associação entre a análise crítica e o trabalho propriamente romanesco, dramatizado e imagético. É nesse momento que a escrita do filósofo se torna um canal, um instrumento, uma arma na mão do leitor.

Pôr em marcha esse projeto não era fácil, tendo em vista que, na França do século XVIII, reinava uma monarquia absolutista, em que havia a censura político-religiosa. Contudo, os filósofos não se intimidaram e puseram-se em marcha, embora nem sempre sintonizados entre eles. Nunca é demais lembrar que Rousseau, por exemplo, nunca encontrou seu espaço junto à Ilustração como um projeto coletivo e, por isso, não se via contemplado por esse movimento. Montesquieu fez seu caminho sempre solitário, embora tivesse colaborado com a Enciclopédia e com os enciclopedistas, mas jamais se deu bem com Voltaire. Esse, por sua vez, embora grande entusiasta desse engajamento, sempre discordou e satirizou todos os demais de forma abusiva e, por

vezes, agressiva. Enfim, vale acrescentar, Diderot e d'Alembert foram os mentores e as colunas do projeto iluminista.

Ao discordarem entre si sobre vários pontos, os chamados enciclopedistas rivalizavam-se entre si, à medida que cada um encarava a Filosofia e o filosofar de forma diferente. De qualquer forma, o importante, para os propósitos deste artigo, é entender que o filósofo no século das Luzes não é nem um asceta nem um habitante de uma torre, como bem esclarece Montaigne. Ele é aquele que, nas palavras de Merleau-Ponty, desperta e fala. Ele fala por meio da escrita, a arma que dispara contra a Igreja e o clero, contra o poder absoluto, contra os preconceitos estabelecidos e tudo o que diminui a condição humana.

Se o filósofo no século XVIII era aquele que fazia bom uso da razão e intervinha, com sua escrita, na sociedade e o filosofar dava-se por meio de textos populares, podemos perceber como isso foi retomado, em larga medida, por muitos filósofos do século XX, principalmente por Sartre. Cristina Dias Mendonça afirma que a revista “Les temps modernes”, organizada e dirigida por Sartre, Merleau-Ponty, Simone de Beauvoir e outros existencialistas, tinha como proposta “um projeto iluminista no pós-guerra francês” (MENDONÇA, 1988, p.137-147). Essa associação, entre dois movimentos de épocas tão distintas, pode dar margem a controvérsias, mas ela não é de todo esdrúxula. Piva, em seu livro “O ateu virtuoso”, faz uma associação semelhante, entre Diderot e Sartre. Para ele, ambos os autores adotaram múltiplas formas e estilos para escrever, eram comprometidos com a difusão do saber, além de serem engajados politicamente. Assim diz Piva:

Sartre, por exemplo, a despeito de ter sido autor de densos textos conceituais como O ser e o nada (1943) e Crítica da razão dialética (1960), escreveu romances, contos, peças de teatro, artigos para jornais e revistas, roteiros para cinema, sem contar que teve uma militância política marcante, corolário do seu engajamento no projeto de levar a Filosofia à praça pública. Diderot, por sua vez, também foi dramaturgo, romancista, contista e autor de inúmeros diálogos filosóficos. Por pouco não se tornou ator. Foi também um pensador engajado, na medida em que procurou intervir nos acontecimentos do seu tempo e simultaneamente desenvolver uma intensa atividade civilizadora (PIVA, 2003, p.18).

No entender do intérprete de Diderot, Sartre é um herdeiro da Ilustração por três razões fundamentais: pelos propósitos humanistas, pelo modo com que escreveu seus textos filosóficos, multiforme e anti-sistemático, e, finalmente, por sua concepção de filósofo engajado (PIVA, 2003, p.21). É certo que Diderot e Sartre não eram ingênuos a ponto de acreditar que a difusão da Filosofia, sem perder o rigor e a

seriedade do pensamento, atingiria a todos, de forma indiscriminada, mas não se recusavam à tentativa de seduzir a população levando a Filosofia à praça, como fez Sócrates no Mundo Antigo. No século XVIII, a origem dessa forma de filosofar, no entender de Franklin de Matos...

[...] marca um desses momentos privilegiados na história da filosofia, em que a disputa filosófica retoma o seu estatuto de coisa pública e volta a debater os mais caros interesses da cidade. Os destinos da filosofia – e a felicidade dos homens – se jogam nos salões, nos cafés (onde às vezes se esgueira, incógnito, o informante da polícia), nas salas de espetáculo, nas complexas e delicadas relações entre o autor, o livreiro e o censor. O que está em jogo é a Opinião Pública, que é preciso esclarecer, segundo alguns, ou proteger das libertinagens do espírito, segundo outros (MATOS, 1988, p.91).

Em outras palavras, Matos registra que o século XVIII subverteu, até mesmo, o local de filosofar. O importante é que haja a discussão pública, acessível aos maiores interessados e curiosos. No velho estilo, que remonta, mais uma vez, a Sócrates e, considerando-se época bem mais próxima, a Montaigne, o importante, para esse estilo de filosofar, é conversar. É por isso que, nos famosos salões, havia toda uma metodologia na arte da conversação, da discussão, do debate, da prosa, em que ninguém poderia monopolizar a palavra sem o risco de prejudicar o ânimo da rodada de conversação.

Todavia, a partir do século XIX, a Filosofia tornou-se acadêmica e o termo “filósofo” passou a significar, depois de Kant e Hegel, dois professores de Filosofia, aquele que elabora uma doutrina ou elementos de uma doutrina filosófica. Numa palavra, o filósofo passa a ser considerado o profissional do pensamento. Mortier afirma que, apesar de essas concepções de Filosofia e do filosofar do século XIX, na Alemanha, ter-se firmado e tornado modelo até nossos dias, vemos, ainda na mesma Alemanha, dois grandes pensadores que provaram que se pode fazer Filosofia sem sistema, sendo eles escritores e professores de talento, a exemplo de Nietzsche e Schopenhauer (MORTIER, 1994, p.5).

O que o século XVIII diria da forma de Filosofia e do filosofar da atualidade? Diria, certamente, que a Filosofia se tornou provinciana demais, profundamente hermética e rígida em relação à Ilustração, e, por isso, ela perdeu aquela “leviandade”, aquela libertinagem literária e filosófica que havia no século XVIII.

Ora, diante de uma filosofia universitária séria, mas pesada e fria, que tenta domesticar todos os paradoxos dentro de esquemas igualmente rígidos, como superar

estes obstáculos? Ignorar a experiência deixada pelo século XIX? Impossível! Voltar a filosofar ao modo do século XVIII? Tampouco isso é factível. Não se pode esquecer que a filosofia de Kant é a culminação do “Aufklärung” e, com ela, ficou aberto o caminho para o Idealismo, o Romantismo, o Positivismo, o Círculo de Viena, e a Filosofia Analítica. Com todos esses movimentos, a Filosofia passou a transformar-se, ao lado dos gêneros literários, modificando-se, tanto na escrita quanto na leitura, e alimentando novas formas de Filosofia e de filosofar, o que nós não podemos, em hipótese alguma, desconsiderar. Afinal, não nos podemos esquecer, a Filosofia se alimenta da sua própria história.

Para finalizar, perguntemo-nos: Então, e Montesquieu filósofo? E Diderot, com sua filosofia de rameira? Voltaire com seu ar gozador e satírico, seria, de fato, um filósofo? E Sade com suas prostitutas também pode ser considerado um filósofo? Diria que sim. Entretanto, não do modo como entendemos a Filosofia e o filosofar hoje. Todos eles, de um modo ou de outro, lutando contra a Metafísica do século XVII, buscaram modos de filosofar mais voláteis, flexíveis, antidogmáticos, que possibilitariam a libertinagem do corpo e do espírito. Afinal, como diz Bento Prado, “a Filosofia não tem sentido senão como *terapia* ou como purificação *da alma*. A Teoria, em si mesma, se não transfigura a Vida, não vale nada” (PRADO JÚNIOR, 2001, p.15).

Bibliografia

- CASSIRER, Ernst. **A filosofia do Iluminismo**. Campinas: UNICAMP, 1997.
- CHÂTELET, François. **História da Filosofia, 4**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- DIDEROT, Denis. **Oeuvres philosophiques**. Paris: Garnier, 1990.
- DIDEROT. **O sobrinho de Rameau**. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- HAZARD, Paul. **O pensamento europeu no século XVIII**. Lisboa: Presença, 1989.
- LEBRUN, Geràrd. **A Filosofia e sua história**. São Paulo: Cosacnaify, 2006.
- MARCONDES, Danilo.; JAPIASSU, Hilton. **Dicionário básico de Filosofia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.
- MATOS, Franklin. O espetáculo teatral segundo Diderot. In: **Discurso** n. 17, 1988, p. 91.
- MATOS, Franklin. **O filósofo e o comediante**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2001.
- MENDONÇA, C. D. “Les temps modernes”: um projeto iluminista no pós-guerra francês. In: **Novos Estudos**, São Paulo, n. 20, p. 137-147, mar.1988 (CEBRAP).
- MONTESQUIEU. **Cartas persas** . São Paulo: Paulicéia, 1991.
- MORTIER, R. Préface: Voltaire et la philosophie. Réflexions sur un tricentenaire (1696-1994). In : **Revue internationale de philosophie: Voltaire (1694-1994)**, Bruxelles, v. 48, n. 187, mars, 1994 (Directeur : Michel Meyer).
- MOTA, Vladimir Oliva, **Voltaire e a crítica à Metafísica**. Dissertação defendida na USP: São Paulo, 2005.
- NOVAES, Adauto. (org.) **Libertinos libertários**. São Paulo: Cia das Letras.
- PIVA, Paulo Jonas de Lima. **O ateu virtuoso: materialismo e moral em Diderot**. São Paulo: Discurso Editorial/FAPESP, 2003.
- SADE. **A filosofia na alcova**. Tradução: Augusto C. Borges. São Paulo: Iluminuras, 1990.
- SALINAS FORTES, Luiz Roberto. **O Iluminismo e os reis filósofos**. São Paulo: Brasiliense, 1991, p. 12.
- VOLTAIRE. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.